

Juventudes, universidade e espiritualidade: experiências e desafios no contexto da PUC-Rio

Elaine de Azevedo Maria^{1 2}

Resumo: A juventude é uma categoria social e cultural atravessada por desigualdades de classe, raça e gênero, cuja vivência universitária se apresenta como espaço de construção de identidades e projetos de vida. A PUC-Rio, especialmente após as políticas de democratização do acesso, tornou-se um ambiente mais plural, marcado pela presença de estudantes oriundos das camadas populares. Este artigo analisa a experiência da juventude universitária a partir dos bolsistas de ação social, com foco em quatro dimensões fundamentais: família, amizade, trabalho e espiritualidade. A espiritualidade, compreendida em sentido amplo, constitui horizonte de sentido, solidariedade e resistência, favorecendo a permanência e a formação integral dos estudantes.

Palavras-chave: Juventudes. Universidade. Bolsistas. Família. Espiritualidade.

Abstract: Youth is a social and cultural category permeated by class, race, and gender inequalities, whose university experience serves as a space for the construction of identities and life projects in the university context. PUC-Rio, especially after policies to democratize access, has become a more plural environment, marked by the presence of students from low-income backgrounds. This article analyzes the experience of university youth through the lens of social-action scholarship recipients, focusing on four fundamental dimensions: family, friendship, work, and spirituality. Spirituality, understood in a broad sense, constitutes a horizon of meaning, solidarity, and resistance, promoting the continuity and integral formation of students.

Keywords: Youth. University. Scholarship students. Family. Spirituality.

¹ Teóloga pela PUC-Rio, mestranda em Teologia Sistemática pela PUC-Rio, advogada formada pela UFRJ, mestra em Ciências Sociais pela PUC-Rio. elainemaria@puc-rio.br

² Orientação do Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes (PUC-Rio).



INTRODUÇÃO

A juventude não pode ser compreendida apenas como um recorte etário, mas como uma construção social e cultural marcada pela elaboração de identidades, pela definição de projetos de vida e pela inserção em contextos específicos de pertencimento. Para Pais (2009) e Abramo (2005), trata-se de uma fase de complexidade crescente, atravessada por expectativas de futuro, pela experimentação de valores e pela busca de reconhecimento social. Contudo, como observa Novaes (2003), a condição juvenil se manifesta de formas desiguais: enquanto jovens de famílias com maior capital econômico e cultural podem prolongar seus estudos e adiar a entrada no mundo do trabalho, aqueles oriundos das classes populares vivenciam trajetórias abreviadas, em que a necessidade de sustento e a precariedade de recursos impõem desafios concretos.

No caso brasileiro, as políticas de democratização do ensino superior, em especial a partir dos anos 2000, possibilitaram a ampliação do acesso de estudantes das camadas populares. Na PUC-Rio, esse processo ficou evidente nas pesquisas de perfil dos alunos realizadas em 2006 e 2018, que registraram aumento significativo no número de bolsistas de ação social e beneficiários do Programa Universidade para Todos (ProUni). Esse novo cenário gerou um espaço universitário mais plural, onde diferentes trajetórias de juventude se encontram, mas também se tensionam, revelando desigualdades e hierarquias persistentes (PPJPUC-Rio 2006; PPAPUC-Rio 2018).

Nesse contexto, família, amizade e trabalho surgem como dimensões fundamentais da experiência universitária. A família exerce papel central tanto no ingresso quanto na permanência, ora como rede de apoio, ora como espaço de cobranças e limitações (Salvador, 2011; Larrubia, 2016; Maria, 2018). As amizades configuram redes de solidariedade e pertencimento que mitigam os efeitos do estranhamento vivido pelos bolsistas em relação aos estudantes tradicionais. O trabalho, por sua vez, aparece como um imperativo para muitos, funcionando ao mesmo tempo como meio de sobrevivência e como obstáculo à plena dedicação acadêmica.

Ao lado dessas dimensões, a espiritualidade se apresenta como elemento constitutivo da juventude universitária. Entendida em sentido amplo, como busca de sentido, horizonte de valores e abertura à alteridade, a espiritualidade amplia a compreensão da formação integral, oferecendo um espaço de resistência às pressões acadêmicas e sociais. Nesse sentido, iniciativas da pastoral universitária e de outros espaços de acolhimento revelam-se fundamentais para que a juventude encontre condições de permanecer, elaborar projetos de vida e vislumbrar horizontes de futuro. O presente artigo tem como objetivo analisar a juventude universitária no

contexto da PUC-Rio, a partir das experiências dos bolsistas de ação social, tomando como eixos analíticos família, amizade, trabalho e espiritualidade.

JUVENTUDE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL

A juventude é frequentemente associada à etapa etária compreendida entre os 15 e os 29 anos, conforme estabelece o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013). No entanto, a literatura especializada enfatiza que tal condição vai além de uma delimitação cronológica, constituindo-se como uma construção cultural e social. Para Abramo (2005, p.42), a juventude deve ser compreendida como “um signo, uma construção cultural”, que assume sentidos distintos a depender das relações sociais e dos contextos históricos.

Abramo (2005, p.42-43) sublinha a dimensão simbólica e relacional da condição juvenil, destacando que não se trata apenas de um dado natural, mas de uma construção que ganha sentido social:

A condição juvenil opera como signo, como uma construção cultural, de modo que ser jovem não é apenas estar em uma determinada faixa etária, mas corresponder a expectativas, atribuições e autoidentificações que variam segundo os contextos. O jovem é, simultaneamente, ator e resultado de processos sociais que definem o que significa ser jovem em cada tempo e espaço.

Pais (2009) destaca que se trata de um período de elaboração de identidades, experimentação de papéis sociais e projeção de futuro, o que confere à juventude um caráter de transição e, ao mesmo tempo, de abertura de horizontes. Essa compreensão é reforçada por Novaes (2003), ao evidenciar que a duração da juventude varia de acordo com as condições sociais: enquanto jovens de famílias mais favorecidas prolongam os anos de formação e retardam o ingresso no mercado de trabalho, os provenientes das camadas populares vivenciam uma juventude abreviada, marcada pela necessidade precoce de assumir responsabilidades econômicas e familiares.

Pais (2009, p. 374) enfatiza que a juventude não pode ser entendida apenas como um período de transição linear, mas como um tempo atravessado por múltiplas experiências e tensões:

A juventude é marcada por uma multiplicidade de trajetórias e pela incerteza que acompanha a construção de identidades e projetos de vida. Longe de constituir uma etapa homogênea, deve ser vista como um processo social aberto, onde os jovens elaboram sentidos para suas experiências em meio a expectativas contraditórias e contextos desiguais. (Pais, 2009, p. 374).

Esse contraste aponta para a pertinência de falar em juventudes, no plural, uma vez que a experiência juvenil é fortemente determinada pelas desigualdades sociais. Assim, a universidade, embora se configure como espaço privilegiado de construção de projetos de vida e de inserção em novos ambientes culturais, também reproduz tensões e hierarquias. Ao reunir estudantes de origens distintas, o ensino superior torna-se palco tanto de encontros transformadores quanto de processos de diferenciação e exclusão (Barth, 1995; Lévi-Strauss, 1980).

A juventude universitária, nesse sentido, deve ser compreendida como uma categoria plural, marcada por ambivalências: de um lado, constitui horizonte de possibilidades e de construção de futuro; de outro, é atravessada por desigualdades que condicionam trajetórias, escolhas e experiências de pertencimento.

TRANSFORMAÇÕES NO PERFIL DO CORPO DISCENTE UNIVERSITÁRIO

O ensino superior brasileiro passou por mudanças significativas nas últimas duas décadas, impulsionado por políticas públicas de inclusão e programas governamentais, como o Programa Universidade para Todos (ProUni). Esses processos impactaram diretamente o perfil das universidades privadas, entre elas a PUC-Rio, que registrou alterações expressivas entre 2006 e 2018.

A pesquisa Perfil da Juventude na PUC-Rio, realizada em 2006, apontava que 41% das pessoas matriculadas na graduação eram bolsistas. Em 2018, a pesquisa Perfil dos Alunos da PUC-Rio registrou aumento para 48,4% do corpo discente em situação de gratuidade, sendo 13,6% beneficiários do ProUni. Esses números revelam um processo de diversificação, com presença crescente de estudantes provenientes de famílias de baixa renda, muitas vezes os primeiros de seu núcleo familiar a ingressar no ensino superior (PPJPUC-Rio 2006; PPAPUC-Rio 2018)³.

Essa transformação gerou efeitos simbólicos e práticos. De um lado, consolidou-se a valorização da diversidade cultural, expressa no fato de o “respeito às diferenças” ter sido considerado o valor mais importante por 72,8% das pessoas participantes em 2006 e por 70,7% em 2018. De outro, a convivência entre grupos de diferentes origens sociais trouxe tensões e evidenciou desigualdades persistentes. Como observa Ribeiro (2008, p.201), a globalização

³ Pesquisa Perfil da Juventude na PUC-Rio 2006 e Pesquisa Perfil dos Alunos da PUC-Rio 2018, que doravante serão referidas como PPJPUC-Rio 2006 e PPAPUC-Rio 2018. Disponível em: <https://www.editora.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=836&sid=3>

“encurtou o mundo” e politizou a diversidade cultural, transformando-a em referência para disputas políticas e ideológicas.

Na PUC-Rio, esse processo se manifestou também por meio de classificações simbólicas que distinguiram grupos. Barth (1995) e Lévi-Strauss (1980) destacam que a proximidade cotidiana pode produzir diferenciações e fronteiras identitárias, gerando distanciamentos mesmo em espaços compartilhados. No caso de bolsistas de ação social, esse mecanismo aparece tanto na percepção de exclusão em relação a estudantes tradicionais quanto na valorização de redes de solidariedade entre pares.

Nesse cenário, a Carta de Marielle Franco aos Bastardos⁴, escrita por ocasião do lançamento do Coletivo Bastardos na PUC-Rio em 2016, ressoa como símbolo de pertencimento e resistência. A carta expressa a ideia de que viver a universidade não se limita a uma trajetória individual, mas constitui experiência coletiva e política, na qual a presença dos bolsistas transforma a instituição ao mesmo tempo em que são transformados por ela. A “bastardia”, nesse sentido, não é apenas uma marca de exclusão, mas também um gesto de reivindicação de dignidade, que confronta desigualdades históricas e reposiciona sujeitos tradicionalmente marginalizados como protagonistas no espaço acadêmico.

Assim, a análise do corpo discente da PUC-Rio entre 2006 e 2018 mostra que a universidade se tornou mais plural e democrática, mas também confirma que as desigualdades estruturais não foram superadas. Elas se renovam no cotidiano das interações entre estudantes de diferentes origens, exigindo estratégias de resistência, pertencimento e permanência, muitas vezes alimentadas por narrativas como a evocada por Marielle Franco.

De forma geral, as pesquisas de 2006 e 2018 confirmam que a universidade se tornou mais plural e democrática, mas também evidenciam que a entrada de novos segmentos sociais não eliminou desigualdades estruturais. Ao contrário, tais desigualdades se atualizaram no cotidiano acadêmico, exigindo estratégias específicas de adaptação e permanência por parte das juventudes em situação de vulnerabilidade social.

EXPERIÊNCIAS DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA: FAMÍLIA, AMIZADE E TRABALHO

A presença de bolsistas de ação social na PUC-Rio evidencia que a experiência universitária dessas juventudes é atravessada por dimensões que vão muito além do

⁴ Matéria que tem a carta completa: <https://piaui.folha.uol.com.br/aos-bastardos-da-puc-com-carinho/> Acesso em: 28 ago. 2025.

desempenho acadêmico. A família, em primeiro lugar, assume papel decisivo no ingresso e na permanência, funcionando não apenas como fonte de apoio material, mas também como espaço simbólico de investimento coletivo. O acesso ao ensino superior é percebido como conquista que ultrapassa o indivíduo e se estende ao núcleo familiar, constituindo um marco de ascensão e transformação social. Esse aspecto pode ser compreendido à luz da lógica da dádiva descrita por Mauss (2003), na qual as relações de reciprocidade produzem vínculos de solidariedade e reconhecimento.

Ao lado da família, a amizade ocupa posição estratégica na trajetória universitária. As redes de sociabilidade construídas no campus possibilitam tanto o acolhimento emocional diante das desigualdades percebidas quanto o fortalecimento de vínculos que ampliam a confiança e a autoestima. Os estudos de Salvador (2011) e Larrubia (2016) mostram que a amizade se torna uma forma de resistência, ao criar espaços de solidariedade capazes de atenuar a sensação de deslocamento. A convivência com pares de origens diversas, por sua vez, pode gerar tensões, mas também favorece aprendizagens mútuas e amplia horizontes de pertencimento.

Outro elemento central é o trabalho, frequentemente presente na vida do corpo discente bolsista. Para muitos, constitui condição de sobrevivência e requisito para assegurar a continuidade dos estudos. Ao mesmo tempo, limita a dedicação integral à vida acadêmica e impõe desgaste físico e emocional. Como apontam Salvador (2011) e Larrubia (2016), o trabalho exercido em paralelo ao percurso universitário, muitas vezes em condições precárias, amplia as desigualdades em relação a estudantes tradicionais. Apesar disso, não raramente é ressignificado como experiência de maturidade e diferencial de trajetória, conferindo ao bolsista um senso de responsabilidade que se projeta também no mercado de trabalho.

A análise dessas três dimensões permite compreender que a vida universitária se constrói em um campo de relações interdependentes, em que apoio familiar, redes de amizade e exigências do trabalho se entrelaçam. Trata-se de elementos que sustentam, mas também desafiam a permanência no ensino superior, revelando que a juventude universitária é marcada por tensões constantes entre oportunidades e limitações.

ESPIRITUALIDADE E JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA

A dimensão da espiritualidade ocupa lugar significativo na formação da juventude universitária, embora nem sempre seja explicitada de forma direta nas pesquisas sobre permanência e inclusão. A espiritualidade, aqui, não se restringe ao campo religioso

institucional, mas se refere à busca de sentido, à vivência de valores, à abertura ao outro e à capacidade de projetar horizontes de futuro. Trata-se de um elemento constitutivo da experiência humana, que se manifesta de modos variados nas juventudes, seja por meio de práticas de fé, seja pela adesão a princípios éticos, sociais e culturais que orientam a vida coletiva.

No contexto da PUC-Rio, a espiritualidade encontra expressão privilegiada na pastoral universitária e em diversas iniciativas comunitárias que cultivam o acolhimento. A vivência espiritual, longe de se reduzir ao âmbito devocional, manifesta-se em práticas concretas de cuidado, serviço e participação social: projetos de extensão, ações solidárias, grupos de oração e reflexão, voluntariado, retiros e rodas de diálogo que favorecem o encontro e a partilha. Trata-se de um itinerário formativo que reconhece a interdependência entre pessoas e ambiente, nutrindo uma espiritualidade biocêntrica que inclui o cuidado com a vida em todas as suas dimensões.

Essas ações têm se mostrado fundamentais para a integração do corpo discente, sobretudo de estudantes oriundos das camadas populares, que podem enfrentar sentimentos de deslocamento em um espaço universitário historicamente atravessado por desigualdades. Nesse cenário, a pastoral atua como instância de mediação e pertença, promovendo a construção de vínculos e estimulando o desenvolvimento de projetos de vida comprometidos com a solidariedade e a justiça social. Ao adotar uma perspectiva própria da teologia do cuidado, a pastoral universitária favorece relações mais humanas e atentas à vulnerabilidade, contribuindo para que as/os jovens se reconheçam corresponsáveis pela transformação da realidade e pelo bem comum.

Nesse sentido, a experiência espiritual vivida no ambiente acadêmico não apenas fortalece a permanência e o bem-estar estudantil, mas também potencializa o protagonismo juvenil na construção de uma universidade sensível às vulnerabilidades sociais e ambientais do país. Ao integrar fé, cuidado e compromisso ético, a formação universitária torna-se espaço gerador de sentido e de responsabilidade coletiva, favorecendo que jovens possam projetar seu futuro profissional com valores orientados ao bem comum. É justamente no cruzamento entre espiritualidade, cidadania e práticas comunitárias que se delineia uma proposta educativa capaz de responder aos desafios contemporâneos, especialmente no que diz respeito à inclusão e à justiça socioambiental.

A inserção de bolsistas de ação social intensificou o papel da espiritualidade como fator de permanência. Muitos estudantes relataram que, diante das tensões provocadas pelas

desigualdades de origem, encontraram em experiências comunitárias um espaço de ressignificação. Essa dimensão é coerente com a análise de Novaes (2003), que identifica nas juventudes a capacidade de elaborar sentidos coletivos a partir de vivências concretas. Ao mesmo tempo, conecta-se ao que Ribeiro (2008) descreve como a politização da diversidade cultural no mundo globalizado, pois a espiritualidade se torna também prática de resistência diante das pressões de exclusão e discriminação.

As práticas espirituais no ambiente universitário contribuem ainda para ampliar a compreensão do que significa formação integral. A formação acadêmica não pode ser reduzida ao acúmulo de conhecimento técnico-científico, mas deve incluir dimensões éticas, relacionais e subjetivas. A espiritualidade, nesse contexto, funciona como horizonte de sentido que integra diferentes aspectos da vida. Ela permite que estudantes vivenciem a universidade não apenas como espaço de profissionalização, mas também como território de construção de cidadania e de responsabilidade social.

Outro aspecto importante é a forma como a espiritualidade dialoga com a diversidade. Nas juventudes contemporâneas, marcadas por múltiplas identidades, tradições e crenças, a espiritualidade não aparece como fator de homogeneização, mas como linguagem de encontro. A pastoral universitária e outras iniciativas de acolhimento na PUC-Rio têm buscado promover esse diálogo, respeitando trajetórias pessoais e, ao mesmo tempo, incentivando uma visão comum orientada por valores de solidariedade, justiça e cuidado. Assim, a espiritualidade, compreendida em sentido amplo, contribui para a cultura do encontro, fortalecendo o tecido social dentro da universidade.

Além disso, a espiritualidade possibilita resistir à lógica da meritocracia excludente. Muitos bolsistas, ao relatarem sua experiência, destacam que sua permanência na universidade depende de uma consciência ampliada de pertencimento e de um compromisso com a transformação social. Essa perspectiva se aproxima daquilo que Marielle Franco expressou em sua carta ao Coletivo Bastardos: a ideia de que ocupar a universidade é também gesto político, que transforma tanto quem chega quanto a própria instituição. A espiritualidade, nesse sentido, não é apenas experiência íntima, mas também prática de afirmação coletiva, capaz de fortalecer o protagonismo das juventudes que historicamente foram marginalizadas.

Em síntese, a espiritualidade na universidade, compreendida como dimensão de sentido e horizonte ético, desempenha papel essencial na formação das juventudes. Ela oferece apoio subjetivo, promove espaços de acolhimento, reforça o compromisso social e amplia as possibilidades de permanência. Ao integrar família, amizade, trabalho e espiritualidade, a

experiência universitária se revela mais complexa e integral, apontando para a necessidade de políticas institucionais que valorizem não apenas o desempenho acadêmico, mas também os processos subjetivos e comunitários que sustentam a vida universitária.

UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO DE ENCONTRO, DIVERSIDADE E CUIDADO

A universidade, especialmente quando se compreende a partir de sua identidade católica, não se limita a ser local de transmissão de conhecimento técnico-científico, mas configura-se como espaço de encontro entre trajetórias diversas, como campo de diálogo e como território de cuidado. Essa dimensão ética e social é fundamental para compreender os desafios atuais do ensino superior, marcados pela convivência entre estudantes de diferentes origens sociais, culturais e religiosas. O encontro com a diversidade, longe de ser apenas dado sociológico, torna-se horizonte pedagógico e ético que redefine o sentido da vida universitária.

A PUC-Rio, desde a implementação de sua política de bolsas em 1994⁵, consolidou-se como universidade comunitária comprometida com a inclusão social e o pluralismo cultural. Esse sistema de bolsas abriu espaço para que estudantes oriundos de camadas populares e historicamente excluídos do ensino superior pudessem ingressar em cursos de graduação (Salvador, 2008; Paiva, 2017). A política abrange modalidades filantrópicas, bolsas PUC⁶, ProUni⁷ e auxílio FESP⁸, constituindo um esforço institucional para democratizar o acesso e diversificar o corpo discente. Esse compromisso não se limita à concessão de benefícios financeiros, mas expressa a missão da universidade de ser agente transformador da sociedade, em consonância com a tradição inaciana de formação integral. Nessa perspectiva, a diversidade não é apenas resultado da presença de diferentes grupos sociais, mas se converte em valor

⁵ Para mais informações sobre a política de bolsas e sua implementação veja MARIA, Elaine. *Trajetoórias de estudantes bolsistas na PUC-Rio: permanência e mecanismos de superação*. 2019 p. 49 e seguintes.

⁶ O Programa de Bolsas de Estudo da PUC-Rio, criado pela Vice-Reitoria para Assuntos Comunitários na década de 1970, fundamenta-se no princípio da igualdade de oportunidades e reúne diferentes modalidades de apoio — socioeconômicas, culturais, esportivas, profissionais, decorrentes de acordos e parcerias, além da adesão ao ProUni — a fim de garantir amplo acesso ao ensino superior. https://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrc/inclusao_social/bolsas/index.html Acesso em: 29 set. 2025.

⁷ É um programa do Ministério da Educação, criado pelo Governo Federal em 2004, que oferece bolsas de estudo integrais e parciais em instituições de educação superior privadas, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros, sem diploma de nível superior. <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/prouni/> Acesso em: 29 set. 2025.

⁸ O FESP (Programa Institucional de Permanência Estudantil) visa garantir a permanência de estudantes bolsistas integrais com perfil filantrópico por meio de auxílios essenciais, financiados pela Universidade e por doações, fortalecendo a igualdade de oportunidades no ensino superior. https://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrc/inclusao_social/cba/fesp/ Acesso em: 29 set. 2025.

fundante da vida universitária, demandando que o cuidado — entendido como princípio relacional, comunitário e institucional — esteja no centro das práticas acadêmicas.

As pesquisas de perfil da PUC-Rio, realizadas em 2006 e 2018, já evidenciavam que o “respeito às diferenças” foi apontado como o valor central por ampla maioria do corpo discente (PPJPUC-Rio 2006; PPAPUC-Rio 2018). Esse dado, ainda que quantitativo, revela a força simbólica da diversidade como critério de pertencimento e como elemento constitutivo da identidade universitária. Entretanto, o encontro com a diferença, para se tornar efetivamente gerador de integração e justiça, precisa estar ancorado em uma prática de cuidado. O cuidado aqui não se restringe ao plano individual, mas assume caráter relacional, comunitário e institucional, capaz de oferecer condições reais de participação e de superar exclusões históricas.

Em sociedades marcadas por intensa pluralidade cultural, as formas de organização cotidiana, seja no âmbito familiar, comunitário ou urbano, acabam sendo atravessadas por experiências de encontro entre diferentes visões de mundo. Essa convivência pode gerar tensões, mas também favorece práticas de solidariedade e reconhecimento que dialogam com valores fundamentais do cristianismo. Não é raro que, dentro de uma mesma família, convivam tradições religiosas diversas, o que por vezes provoca conflitos e resistências, mas igualmente abre caminhos de aprendizagem. Nessas situações, a diversidade se transforma em ocasião para cultivar tolerância, fortalecer o diálogo ecumênico e inter-religioso e amadurecer espiritualmente.

Em geral, os jovens são portadores duma abertura espontânea à diversidade, que os torna atentos às temáticas da paz, da inclusão e do diálogo entre culturas e religiões. Numerosas experiências de muitas partes do mundo testemunham que os jovens sabem ser pioneiros de encontro e diálogo intercultural e inter-religioso, na perspectiva da convivência pacífica. (Sínodo dos Bispos, 2018, par. 45)

Na perspectiva das encíclicas sociais do Papa Francisco, o cuidado adquire centralidade teológica e social. A *Laudato Si'* (LS) propõe uma ecologia integral na qual o cuidado da casa comum é inseparável do cuidado das pessoas, sobretudo das mais vulneráveis, reforçando (LS, 92) que o cuidado é dimensão essencial para a vida em sociedade, pois integra a atenção à casa comum com a responsabilidade pela dignidade humana. Francisco (LS, p.1399) recorda que “não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental”, o que significa que a universidade, ao promover diversidade e inclusão, também participa da tarefa de reconstruir vínculos de solidariedade. Nesse horizonte, a política de bolsas da PUC-Rio pode ser interpretada como expressão concreta de uma ecologia integral,

na medida em que combate a exclusão social e permite que diferentes trajetórias se encontrem, cultivando uma cultura universitária mais justa e plural.

A reflexão de Abimar Moraes aponta que a teologia pastoral contemporânea é chamada a ultrapassar uma visão centrada exclusivamente no cuidado espiritual e a engajar-se numa dimensão mais ampla de cuidado socioambiental. Segundo ele, a crise socioambiental descrita pela *Laudato Si'* exige que o cuidado pastoral se desdobre numa “consciência ecológica integral”, que articule o bem-comum humano e o cuidado com a criação como dimensões indissociáveis da missão universitária (Moraes, 2020, p. 54-56). Nesse sentido, a universidade emerge não apenas como espaço de formação acadêmica, mas como laboratório de ética ambiental, onde o cuidado torna-se ponte entre o diálogo inter-trajetórias e o compromisso com a sustentabilidade social e ambiental.

A afirmação de que “tudo está interligado” expressa um princípio ético fundamental que ultrapassa a esfera das relações humanas e inclui, de modo indissociável, o cuidado com toda a criação. Essa interconexão, que envolve pessoas, comunidades e o planeta como casa comum, exige um compromisso responsável que reconheça a dignidade de cada vida e a profunda dependência recíproca entre sociedade e natureza. Nessa mesma direção, Cardoso e Ferraz (2020, p.416) interpretam a encíclica a partir da chave da cultura do encontro, sublinhando que o diálogo e a proximidade não constituem apenas valores desejáveis, mas exigências éticas para superar a indiferença e a exclusão contemporâneas. Assim, a integração entre cuidado, encontro e diversidade revela-se como caminho imprescindível para a construção de comunidades acadêmicas mais justas e solidárias.

A *Fratelli Tutti* (FT) convoca a humanidade a cultivar uma fraternidade universal e uma amizade social que ultrapassem o nível do discurso e se traduzam em práticas efetivas. Como afirma Francisco, é necessário “reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras”(FT, n.6). O encontro exige disponibilidade para se abrir à diferença e acolher o outro na sua singularidade. Para Francisco (FT, n.35), “o amor constrói pontes e nós fomos feitos para o amor, para viver juntos, em comunhão e harmonia”. Essa afirmação ilumina o horizonte universitário, em que a convivência entre trajetórias diversas só se torna fecunda quando fundamentada na lógica do cuidado e da solidariedade.

Além disso, a mesma encíclica insiste que a amizade social não se limita a boas intenções, mas requer práticas concretas de transformação. Nas palavras de Francisco (FT, p.57), “cada um de nós é chamado a ser artesão da paz, unindo e não dividindo, apagando o ódio e não conservando rancor”. A universidade, nesse sentido, pode ser compreendida como

espaço privilegiado para cultivar essa vocação, promovendo redes de diálogo que traduzem em gestos cotidianos a fraternidade e o cuidado.

No âmbito universitário, a cultura do encontro não é um ideal abstrato, mas uma necessidade prática. O convívio entre bolsistas e estudantes de diferentes estratos sociais desafia a instituição a elaborar estratégias que favoreçam integração e pertencimento. Isso exige cuidado pedagógico, expresso tanto em políticas de permanência quanto em iniciativas cotidianas de acolhimento. Os espaços de pastoral universitária, por exemplo, têm exercido papel importante nesse processo, promovendo uma espiritualidade aberta ao diálogo, à solidariedade e à construção coletiva de sentido.

O cuidado também se manifesta na escuta atenta, entendida como disposição institucional para acolher as múltiplas vozes que compõem a comunidade acadêmica. A universidade católica, em sua missão, é chamada a ser lugar de excelência não apenas pela produção científica, mas por cultivar uma ética da atenção ao outro, pela promoção da justiça social e pela valorização das juventudes em toda a sua pluralidade. Nesse horizonte, encontro, diversidade e cuidado não são categorias paralelas, mas dimensões interligadas que estruturam uma visão integral de formação.

Além disso, o cuidado possui dimensão política. Ele confronta a cultura do descarte (FT, n.110⁹) e da indiferença, denunciada pelo Papa Francisco, e se converte em critério para a construção de uma sociedade mais justa. Na universidade, isso significa ir além do reconhecimento formal da diversidade, construindo práticas institucionais que garantam condições efetivas de permanência, igualdade de oportunidades e participação democrática. Ao mesmo tempo, significa formar juventudes sensíveis ao sofrimento do outro, capazes de traduzir em compromisso social os aprendizados que nascem do convívio acadêmico.

Assim, compreender a universidade como espaço de encontro, diversidade e cuidado é reconhecer sua vocação de formar não apenas profissionais, mas sujeitos éticos, críticos e solidários. Trata-se de uma missão que articula excelência acadêmica e compromisso social, colocando a instituição a serviço da construção de um mundo mais humano e sustentável. Nesse caminho, a categoria do cuidado emerge como fundamento indispensável da vida universitária, garantindo que o encontro com a diversidade se traduza em fraternidade, solidariedade e esperança.

⁹ A cultura do descarte foi uma denúncia presente em todo o pontificado do Papa Francisco, selecionamos este número da FT pois está a linda frase: “enquanto o nosso sistema económico-social ainda produzir uma só vítima que seja e enquanto houver uma pessoa descartada, não poderá haver a festa da fraternidade universal”.

CONCLUSÃO

As reflexões apresentadas ao longo deste artigo evidenciam que a experiência universitária das juventudes na PUC-Rio é atravessada por múltiplas dimensões — família, amizade, trabalho e espiritualidade — que se articulam com processos institucionais de inclusão e permanência. A política de bolsas, implementada pela universidade desde 1994, possibilitou o ingresso de segmentos sociais historicamente excluídos, promovendo diversidade e pluralismo cultural no corpo discente. Esse processo transformou tanto a vida dos estudantes quanto à identidade institucional, reforçando o papel da universidade comunitária como espaço de justiça social.

Entretanto, a presença da diversidade não elimina as desigualdades, mas as reinscreve em novas formas, exigindo da universidade práticas de cuidado e acolhimento. Inspirada pelas encíclicas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, e pelo horizonte da cultura do encontro, a universidade é chamada a cultivar uma formação integral que vá além do domínio técnico-científico, valorizando também a dimensão ética, espiritual e comunitária. Nesse sentido, o cuidado aparece como categoria estruturante, capaz de integrar encontro e diversidade em práticas de solidariedade.

A conclusão que se impõe é que a universidade, ao assumir sua identidade comunitária e católica, tem diante de si o desafio e a oportunidade de formar juventudes críticas, solidárias e comprometidas com a transformação da sociedade. Esse caminho demanda políticas consistentes de inclusão e permanência, mas também a construção cotidiana de uma cultura institucional pautada pelo respeito, pelo diálogo e pelo cuidado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Juventude e contemporaneidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

CARDOSO, Maria Teresa de Freitas; FERRAZ, Chrystiano Gomes. **A cultura do encontro como chave de leitura da Laudato Si'**. *Revista Caminhos*, Goiânia, v.18, n.2, p.415–434, 2020.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**, sobre a amizade e a fraternidade social. 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html Acesso em: 29 ago. 2025.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato Si'**. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 29 ago. 2025

MARIA, Elaine de Azevedo. Juventudes, universidade e espiritualidade: experiências e desafios no contexto da PUC-Rio. **Dignidade Re-Vista**, n.16, dez. 2025.

GONZAGA, Waldecir (org.). **Perfil da Juventude na PUC-Rio: reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018**. Rio de Janeiro: Puc, 2020. Disponível em: https://www.editora.puc-rio.br/media/Perfil%20da%20Juventude%20na%20PUC-Rio_book_final.pdf. Acesso em: 30 ago. 2025.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

MARIA, Elaine. **Trajetórias de estudantes bolsistas na PUC-Rio: permanência e mecanismos de superação**. 2019, Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado, Departamento de Ciências Sociais, PUC-Rio.

MORAES, Abimar Oliveira de. **Crise socioambiental e Teologia Pastoral: consolidação da mudança de paradigma à luz da Laudato Si'**. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 64, n. 24, p. 43-65, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.47835> Acesso em: 22 jun. 2024.

NOVAES, Regina. **Juventude e sociedade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: Dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, v.18, n.3, p.371-81, 2009.

PAIVA, Andreia. **A experiência de permanência estudantil na PUC-Rio**. 2017. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PUC-RIO. **Pesquisa Perfil da Juventude na PUC-Rio 2006**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. PUC-RIO – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. Pesquisa CERIS/PUC 2006 – “Perfil da Juventude na PUC-Rio”. PUC-Rio, 2007. Disponível em https://www.teo.puc-rio.br/admin/screens/uploads/outras-cre/Arquivo_236.pdf. Acesso em: 30 ago. 2025.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SALVADOR, Andreia Clapp. **Juventude, universidade e políticas sociais**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.